



# Professores emigrantes

Sem perspectivas de trabalho em Portugal, jovens encontram emprego nas escolas inglesas

**Margarida Davim**  
margarida.davim@sol.pt

COM apenas 24 anos, Lurdes Baldé está nos quadros de uma escola pública e ganha cerca de 2.800 euros por mês. Mas, para ter aquilo que para milhares de docentes não passa de um sonho, esta professora de Ciências teve de partir para o Reino Unido. «Se estivesse em Portugal, estava desempregada», garante.

Tal como Lurdes, também Eva Firme, de 23 anos, Joana Alves, de 25, e Núria Costa, de 27, foram para Inglaterra dar aulas. Todas licenciadas em Ensino de Ciências da Natureza, pela Universidade Nova de Lisboa, cedo perceberam que seria muito difícil encontrar emprego. «Quería muito ser professora, mas sabia que ia demorar anos para o conseguir se ficasse em Portugal», conta Eva.

Foi numa aula de Vítor Duarte Teodoro, professor da Universidade Nova, que surgiu a ideia de tentar a sorte fora do país: «Estava a par do processo necessário para ser professor no Reino Unido e falei-lhes nisso», recorda o docente ao SOL.

Os motivos foram suficientes para convencer alguns alunos. «Cá, as saídas profissionais são muito precárias», diz o professor, que assegura que «há cada vez mais estudantes interessados

em sair do país, para o Reino Unido, mas também para as ex-colónias portuguesas».

Não se sabe ao certo quantos portugueses estarão já a dar aulas em Inglaterra, já que muitos não se inscrevem no consulado. Mas o site criado por Vítor Teodoro e por estas quatro professoras recebe cada vez mais e-mails. «Damos informações sobre o que é preciso para dar aulas no Reino Unido, nos países de expressão portuguesa e nos Estados Unidos», explica Teodoro.

Núria Costa dá um exemplo dos casos que chegam ao site <http://moodle.fct.unl.pt>: «Ainda há pouco recebi um e-mail de uma professora que dá au-

las há dez anos em Portugal e quer tentar ir para Inglaterra. Diz que está farta de andar a saltar de escola em escola pelo país».

Há dois anos a dar aulas no Reino Unido, Lurdes

**Lurdes ganha 2.800 euros por mês a dar aulas**

Baldé, natural da Póvoa de Santa Iria, em Vila Franca de Xira, não podia estar mais satisfeita. «Estou perfeitamente integrada». Depois de ter feito o PGCE (Postgraduate Certificate in Education) – uma pós-graduação que dá

acesso à docência –, Lurdes ainda voltou a Portugal, mas a ilusão de que a experiência de ter dado aulas em duas escolas inglesas a podia ajudar a encontrar trabalho, depressa se perdeu. «Enviei 500 e-mails e só uma escola respondeu». A única proposta de trabalho que recebeu oferecia-lhe 100 euros por mês para trabalhar numa quinta pedagógica.

A solução foi voltar ao Reino Unido. «Depois de me inscrever numa agência de trabalho, fui chamada para uma entrevista numa escola e acabei por ficar». Como este é o segundo ano em que dá aulas de Ciências e porque há cada vez mais

docentes ingleses a abandonar a profissão, Lurdes vai receber do Governo inglês uma bolsa de 5.000 libras (6.400 euros): «É um bom incentivo».

Agora, trabalha 23 horas por semana, mas só 20 correspondem a trabalho lectivo: «Tenho cerca de sete turmas, às quais dou aulas de sessenta minutos».

Joana Alves também está feliz com o lugar de *teaching assistant* (professora assistente) na Charles Edward Brook Girl's School, em Londres, onde dá apoio a alunos com dificuldades de aprendizagem.

## Violência nas escolas

Mas não quer ficar fora do país para sempre. O objetivo é conseguir «um currículo razoável para tentar encontrar emprego numa instituição particular em Portugal».

Isto porque, apesar de todas as vantagens, Joana encontra alguns inconvenientes no sistema de ensino britânico. «Quem diz que há violência nas escolas portuguesas, tem de viver a realidade inglesa, para perceber o que é realmente violência», diz. Lurdes Baldé confirma: «Já tive um aluno a levantar-me a mão. A falta de respeito pelos docentes é total». A professora natural da Póvoa de Santa Iria diz que «a pior escola da Amadora não se compa-



ra» ao que encontrou no centro de Londres e em Liverpool – onde também já deu aulas – em termos de indisciplina. «Os alunos são muito agressivos», queixa-se.

Apesar disso, garante que os sistemas de punição são mais usados no Reino Unido do que em Portugal: «Os alunos ficam de castigo entre 10 minutos a uma hora».

## Ninguém chumba

Outro problema que encontram em Inglaterra é a avaliação dos alunos. «Tenho alunas de 15 anos com capacidades cognitivas de oito», comenta Joana Alves, que se sente frustrada com um sistema que considera complexo e pouco eficaz. «Ninguém chumba», garante, explicando que isso faz com que «as crianças não sintam necessidade de aprender».

Apesar de tudo, a organização acaba por dar aos professores ingleses um



Joana Alves (à esq) e Lurdes Baldé dizem estar bem integradas nas escolas britânicas

**Contra a ASAE, marchar, marchar!**

Acaba de nascer a Associação de Defesa do Cidadão, para defender os comerciantes dos excessos **Pág. 32**

**Nos bastidores da Selecção**

Hoje, os jogadores são tratados como príncipes. Há 42 anos, era bem diferente **Pág. 40**



**University of Reading**

**Bulmershe Court**

**Main entrance**



Eva Firme está a tirar a pós-graduação que lhe vai permitir ser professora no Reino Unido. A formação inclui trabalho lectivo e uma bolsa de mil euros

apoio que o sistema português não oferece. «Todas as semanas há, na escola, uma reunião com todos os docentes para discutir os problemas», explica Lurdes Baldé, que descreve as escolas inglesas como um ambiente «multicultural», onde não há discriminação: «Na Beechwood School de Windsor, onde estou, há professores da Austrália, América, Canadá, Brasil e Espanha».

**Estágios pagos**

Eva Firme está a ter este ano o primeiro contacto com a realidade das escolas britânicas. «Estou a tirar a pós-graduação, mas dar aulas em pelo menos duas escolas faz parte da formação».

A experiência já deu para encontrar grandes contrastes. «Fiz o estágio em Portugal e não ganhei um centavo. Cá, tenho uma bolsa de mil libras mensais», compara.

Outra diferença é o material que está à disposição dos professores: «Todas as escolas têm um esquema de trabalho pronto. E, assim, os professores não têm de preparar aulas ou fazer testes». Contas feitas, o investimento compensa. «Pagamos 3.800 libras de propina, mas há um empréstimo sem juros, que só come-

çamos a pagar quando tivermos emprego». E nem isso é problema. «É muito fácil encontrar trabalho», garante Lurdes Baldé, explicando: «Mesmo depois de estar numa escola, podemos concorrer a vagas para coordenar clubes de ciências, por exemplo, e ganhamos mais por isso».

Núria Costa só em Se-

tembro vai iniciar a formação que lhe permitirá dar aulas no Reino Unido. «Este ano não consegui entrar, porque o meu Inglês não era muito bom». Sem desanimar, Núria ficou em Londres a trabalhar como *baby-sitter*. Voltar para Portugal nunca foi opção. «Preocupava-me a ideia de ser colocada muito longe de casa e de ter horários reduzidos...». Por isso, quando acabou o curso, no ano passado, o destino foi o Reino Unido.

Para conseguir vaga na pós-graduação em Educação, Núria, tal como as outras, teve de começar por se inscrever na *internet* e apresentar uma carta de referência. «Depois, somos chamados para uma entrevista e temos de dar uma aula de vinte minutos perante um júri». No caso de Lurdes Baldé, soube que estavam interessados em aceitá-la «logo no próprio dia».

**Ingleses desistem**

**APESAR de serem a terceira profissão mais bem paga do Reino Unido, há cada vez mais professores a desistir de dar aulas. Segundo o Partido Conservador (na oposição), cerca de 250 mil pessoas com habilitações para a docência não estão nas escolas. Os mesmos números mostram que, entre o ano 2000 e 2005, 100 mil docentes mudaram de emprego. Entre as razões apontadas está o aumento de casos de violência e indisciplina. O Governo inglês tem sofrido uma contestação sem precedentes nos últimos anos na Educação. Os sindicatos queixam-se de que os aumentos (de 2,5%) previstos para este ano não são suficientes para compensar o trabalho dos professores.**

M.D.

**Docentes insatisfeitos**

«O MEDO de que o salário não chegue para satisfazer necessidades básicas é o que mais afecta os professores portugueses». A conclusão é tirada por Luísa Cristina Fernandes, autora de *Os Medos dos Professores*, um livro sobre as angústias e os anseios desta classe que foi lançado esta semana.

A investigadora confessa-se surpreendida com os resultados de um inquérito ao qual responderam mais de 200 professores portugueses: «Pensei que os maiores medos estivessem relacionados com questões pedagógicas». Depois de reflectir sobre as respostas, Luísa Cristina Fernandes acabou por entender os motivos que levaram a estas conclusões. «Os professores têm vindo a ser muito desvalorizados, sobretudo porque as profissões mais bem pagas são também as mais bem vistas pela sociedade», constata.

A precariedade também explica as respostas. «Quando se tem de usar uma parte significativa do salário para pagar um quarto e para deslocações, isso tem muito peso», observa a professora, que encontra este medo de forma mais acentuada na nova geração de docentes. «Tudo isto, pode ter implicações na actividade pedagógica», alerta.

Além dos medos daqueles que responderam ao seu questionário, a autora encontrou um outro receio de que não estava à espera. «Muitos professores não quiseram sequer responder», conta, lem-

brando a dificuldade que teve em encontrar quem estivesse disponível para assumir os seus problemas. «Distribuí mais de 500 inquéritos e só menos de metade aceitou responder». Na raiz desse medo, encontrou uma explicação: «As pessoas não querem que se toque no seu mais íntimo. Não responder é um sinal de fuga».

O receio de não saber lidar com a desmotivação dos alunos e os medos relacionados com a indisciplina foram outras respostas recorrentes no trabalho: «O medo da violência é transversal».



**Afecta professores de todas as idades.**

Luísa Cristina Fernandes aponta ainda a avaliação de desempenho dos docentes e a «mudança constante de regras por parte do Ministério da Educação» como factores que tornam a profissão menos atractiva.

A insatisfação é, aliás, cada vez maior entre a classe docente. Segundo um estudo, realizado pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco a pedido da Associação Nacional de Professores (ANP), 44% dos professores não voltaria a escolher a mesma profissão.

M.D.